

Diversão & Arte

O ROCK É ASSIM

Bandas seguem trajetórias variadas: umas mudam a cada álbum, outras fazem e se arrependem, e há aquelas que se mantêm fiéis ao primeiro disco

» TOMAZ DE ALVARENGA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Na história da música, cada grupo percorre um caminho singular. Alguns se gabam de não mudar e seguem sempre na mesma sonoridade. Já outros, subvertem tudo o que faziam, apresentando novos som e estilo a cada álbum lançado. E há ainda um terceiro segmento, dos que mudam, mas de alguma forma não se satisfazem e retornam (com maior ou menor proximidade) ao gênero original. Exemplos não faltam.

The Clash foi muito criticado pelos fãs quando lançou o álbum triplo *Sandinista!* (1980), o mais eclético trabalho da banda

britânica. Já com o Deep Purple, as divergências chegaram ao ponto de encerrar precocemente a história do grupo, na década de 1970.

No Brasil, temos exemplos similares, como os Titãs (que alternam de estilo com frequência) e o Los Hermanos (que se reinventou após a "fase *Anna Júlia*"). O Skank enfrentou desafios similares, a partir de *Siderado* (1998), quarto CD dos mineiros. Para o tecladista Henrique Portugal, "as mudanças sempre foram naturais e baseadas nas referências musicais de cada um. Mas toda mudança é um risco. Alguns estão dispostos a isso, outros não", afirma.

Confira abaixo alguns exemplos de artistas "convictos" (não mudaram), "arrepentidos" (voltaram a fazer o som de outrora após a mudança) e "ousados" (seguiram por outra sonoridade):

"CONVICTOS"



ROLLING STONES

Na vasta e diversa discografia dos Rolling Stones, há espaço para vários estilos além do rock. Um trabalho que reflete toda essa diversidade é o *Black and blue* (1976). Lá estão presentes a disco music (*Hey negrita* e *Hot stuff*), o reggae (*Cherry oh baby*) e o r&b (*Melody*), além da balada *Fool to cry*. Mas a essência da banda é a mesma, como endossa o ex-VJ da MTV, o músico e produtor musical Chuck Hipolito. "Mesmo com toda a variedade de estilos, é muito fácil identificar uma música dos Stones ou quando é alguma banda tentando imitá-los, pois eles são únicos", define.

RAMONES

Maior expoente do punk rock, o grupo encerrou as atividades em 1996. Alguns fanáticos preferem a velocidade e a simplicidade dos três primeiros álbuns (entre 1976 e 1977), como *Chuck*. O músico argumenta que após o quarto álbum, o grupo atendeu "necessidades comerciais". Mas mesmo após essa época, com músicas com mais de 3 minutos e a presença de outros instrumentos (além de guitarra, baixo e bateria), o punk continuava aceso e está vivo até hoje, imutável, graças a eles.



AC/DC

Não tem mistério. Desde o primeiro álbum *High voltage* (1975) até *Black ice* (2008) o estilo, o som, a atitude da banda não se alterou um milímetro. A única mudança significativa ocorreu no posto de vocalista, no intervalo entre os maiores clássicos do grupo: *Highway to hell* (1979) e *Back in black* (1980). Bon Scott morreu no início de 1980, sendo substituído por Brian Johnson, que prossegue até hoje com o grupo. Ironicamente, o próprio Bon Scott já elogiara o futuro vocalista, como afirmou ao site *Braveworlds* o guitarrista Angus Young.

FOO FIGHTERS

Oriundo do Nirvana, Dave Grohl sempre conduziu as rédeas do Foo Fighters mesclando ternura e explosão. Tal dualismo está presente desde a estreia com o grunge *Foo fighters* (1995) até o caprichado *Wasting light* (2012). A receita é a mesma: a banda sempre passou entre baladas pop, rocks enérgicos e alguns flertes pontuais com outros estilos, principalmente no álbum *In you honor*, de 2005, que é metade acústico e metade "plugado".



"ARREPENDIDOS"



METALLICA

O maior ícone do thrash metal chegou ao início da década de 1990 com grande popularidade e aclamado após bons álbuns. A banda entendeu que o gênero estava em crise e carecia renovar o seu público. Amaciaram o som, cortaram os cabelos e ficaram mais descolados para a dupla *Load* (1996) e *Reload* (1997), bastante criticados pelos fãs. Longos seis anos depois, o problemático *St. Anger* também não amenizou as reclamações. Para Chuck Hipolito, a banda errou em mudar. "É possível ouvir ecos nítidos de heavy metal em *Load* e *Reload*. O Metallica não precisa gravar um disco de heavy metal para provar que é uma banda desse estilo, já está na essência de sua música", define.

GREEN DAY

Essa turma gosta de mudar. São quatro fases: a primeira, no início da década de 1990, quando lançaram dois álbuns independentes, que mal eles se recordam. A segunda, após a explosão de *Dookie* (1994), peça obrigatória do punk rock da década, com mais de 16 milhões de cópias. Então o Green Day se renovou com *American idiot* (2004), outro grande sucesso mundial, "que fez todos voltarem no tempo, ostentando um espírito adolescente", como resume Chuck Hipolito. Recentemente, um novo capítulo é escrito com a trilogia *iUno!*, *iDos!* e *iTrê!* (todos de 2012), uma salada musical em três atos, com o grupo resgatando a sonoridade antiga ao mesmo tempo que amplia ainda mais seus horizontes musicais.



BLACK SABBATH

"A banda foi perdendo a identidade enquanto trocavam os músicos, ficou parecendo que era uma empresa, com os funcionários batendo cartão", aponta o crítico Chuck Hipolito. O único que permaneceu na banda durante os últimos 45 anos foi o guitarrista Tony Iommi. Durante os oito primeiros álbuns, a formação clássica (Ozzy, Iommi, Butler e Ward) se mantinha. Daí em diante, por mais que os novos integrantes tentassem as ideias de outrora, a banda se afastava dos fãs, com ressalvas para o primeiro período de Ronnie Dio à frente do grupo (de 1979 a 1982). No álbum *13* (2013), o grupo buscou fazer as pazes com o passado.

"OUSADOS"



DAVID BOWIE

A alcunha de "camaleão" não é por acaso. Se estreou influenciado pelo folk em 1967, abraçou a psicodelia, o rock'n'roll e o glam rock na virada para os anos 1970. Não satisfeito, mergulhou no black music com *Young americans* (1975) e o funk em *Station to station* (1977). Após a famosa "trilogia de Berlim" (com os discos *Low*, *Heroes* e *Lodger*, experimentais e bastante criativos), *Let's dance* (1983) já flertava com o pop e fez grande sucesso. Na década de 1990, experimentou a música eletrônica. Em 2013, após 10 anos de sumiço, retorna com uma sonoridade mais setentista em *The next day*. "Não importa a sonoridade, ele sempre faz com muito bom gosto", define Chuck Hipolito.

COLDPLAY

Do céu nublado, frio e melancólico para o ensolarado pop. Assim pode-se resumir a trajetória do Coldplay. Se nos dois primeiros trabalhos predominava ecos do britpop de melodias calmas baseadas no piano, com o irregular *X & Y* (2005) começou a transição e coincidentemente a banda alcançou o primeiro nº 1 nos Estados Unidos. Daí em diante, o mundo sucumbiu com os elaborados e populares *Viva la vida and death to all his friends* (2008) e *Mylo xyloto* (2011). Para Chuck Hipolito, tal evolução do Coldplay é similar a outro famoso grupo, o Nirvana. "Os músicos conhecem novas pessoas, se apaixonam, recebem outras influências e isso tudo reflete na arte que produzem, é inegável não mudarem", diz.



RADIOHEAD

Talvez o grupo que melhor simbolize o conceito de "mudança". A primeira, ao aprofundar o rock a um nível superior com o clássico *OK Computer* (1997). "Realmente fiquei impressionado com a reação das pessoas com esse álbum, nós não tínhamos muita noção se estávamos fazendo algo bom ou ruim", afirmou na época o vocalista Thom Yorke para a revista *Select*. Mudança maior veio três anos depois, com *Kid A*, que causou estranheza. "Surpreendeu-me como falaram mal na época do lançamento, pois a música contida nele não é tão difícil de entender", afirmou o mesmo Yorke, para a revista *Mojo*. Desde então, a banda mescla essas duas fases, ora soando mais simples (como em *In rainbows*, de 2007) ora dificultando a compreensão popular (como em *The king of limbs*, de 2011).

RED HOT CHILI PEPPERS

"O Red Hot Chili Peppers não precisa chamar George Clinton para produzir novamente seus álbuns. Eles deixaram de fazer o funk rock do início da carreira, mas o funk nunca o deixou", destacou Chuck. Desde então, passaram por uma fase mais pesada (com o trabalho *One hot minute*, de 1995), porém mais tarde acharam um norte, em álbuns flertando com o pop e obtendo grande êxito comercial (*Californication*, de 2000 e *By the way*, de 2002), e é essa a tendência que prossegue, inclusive no mais recente trabalho, *I'm with you* (2011).



DEEP PURPLE

Em meados da década de 1970, a banda resolveu mudar sua sonoridade para flertar mais com o funk, principalmente em *Stormbringer* (1974). O guitarrista Ritchie Blackmore criticou o disco, chamando-o de coleção de "músicas engraxadas", em entrevista para a *Guitar International*. Com sua saída, o grupo intensificou esse flerte em *Come taste the band* (1975), mas o clima já não era dos melhores. Jon Lord e Ian Paice decidiram anunciar que o grupo não existia mais (de acordo com o livro *Smoke on the water: the Deep Purple history*, de Dave Thompson). De volta ao estúdio em 1984, o Deep Purple retornou e prossegue até hoje, tentando reencontrar o som do início da carreira.



www.correio braziliense.com.br



Confira vídeos desses artistas e veja perfis de mais bandas.